

O GÊNERO INFANTO JUVENIL EM SALA DE AULA: OS (DES)USOS DO TEXTO LITERÁRIO

José Marcos Rosendo de Souza
Faculdade Evangélica Cristo Rei – FECR

INTRODUÇÃO

Tornar o aluno apto a ler, escrever e interpretar com eficiência estes são alguns objetivos que se deseja desenvolver com o processo da leitura. Mas, quando ao se tratar de letramento, principalmente, no que diz respeito ao letramento literário, vale destacar que o ensino de literatura, muitas vezes, resume-se, unicamente, a aspectos históricos e classes literárias; canonicamente estipulados por grades curriculares que desprestigiam a versatilidade de um texto literário. Fruição passa a ficar em segundo plano, deixando de ser o objetivo primordial da aula de literatura.

Sendo assim, deparamo-nos, diante de processos históricos, pelo qual ocorre a fragmentação do ensino, ou seja, a atual situação do trato dado à literatura em sala de aula é o reflexo de tempos que nos remetem a construção do próprio ensino. Isto é refletido nas salas de ensino médio. E o que dizer das salas de ensino fundamental? O ensino fundamental é considerado a base para os anos posteriores do processo educativo. Logo, deveria ser alicerçado, também, com a literatura. No entanto, o que vem ocorrendo, é que o ensino submete o texto literário à gramaticalidade, impedindo o desenvolvimento dos múltiplos sentidos do texto, sobretudo, do texto literário.

E diante dessa realidade, deveria se inserir a literatura infanto-juvenil, visto que seria o gênero literário propício para o desenvolvimento das habilidades de interpretar e ler com eficácia e eficiência, aos anos iniciais de todo educando, por conter traços singulares, mas, que podem transformar o indivíduo leitor.

E vale salientar, que este gênero passou por percalços: como a própria legitimação de gênero infanto-juvenil, visto que anterior ao “boom” lobatiano, não havia se concretizado, ainda, no Brasil, uma literatura destinada aos leitores menores; e, também por ser considerado “pobre”, é desprestigiado em sala de aula, sendo submetida, a extração de informações superficiais, utilizadas para uma interpretação textual defasada.

Há outra evidência que corrobora a fragilidade do ensino infanto-juvenil da literatura, refere-se a limitação em que o livro de didático submete o texto literário:

fragmentação desconexa, pragmatismo o torna descontextualizado da obra. Além disso, o que ainda falece o ensino de literatura nos anos iniciais é o pedagogismo exarcebado, pelo qual se exige que o texto literário sempre expresse um ensinamento, tornando-o carregado de excessos, desvalorizando a fruição.

[...] os textos literários são transformados, na escola, em textos informativos, em textos formativos, em pretextos para exercícios de metalinguagem e de aplicação de rotinas que mais não são que um exercício simbólico de marcação de estatutos. Programas (parâmetros curriculares), manuais (livros didáticos) e práticas conjuram-se na consolidação de um conceito redutor, restrito e pragmático de literatura, reduzido a um cânone escolar, definido, muito tempo atrás, para um projecto educativo aparentemente em tudo diferente daquele que hoje se anuncia. (DIONÍSIO, 2008, p.79).

Logo, percebemos que o texto literário é submetido, em demasia, ao julgo de uma grade curricular que desprestigia toda uma construção, pessoal, do sentido dado ao texto literário. Além, do aprisionamento proporcionado pelo livro de didático e muitas a falta de “intimidade” do docente com este tipo de gênero textual.

Sendo assim, diante do atual trato dado ao ensino de literatura ou da própria leitura do texto literário nos anos iniciais, faz-se necessário desenvolver a presente pesquisa, que objetiva fazer um breve esboço histórico do surgimento da literatura destinada a leitores menores, além de fazer uma breve reflexão acerca dos (des)usos do texto literário infante/juvenil nos anos iniciais. Vale ressaltar, que o este trabalho foi desenvolvido a partir de uma breve observação do contexto escolar, além de levar em consideração o posicionamento de autores que desenvolveram pesquisas nesta área, portanto, a mesma caracteriza-se como sendo, também, bibliográfica.

2 BREVE ESCORÇO HISTÓRICO

Sabe-se que a literatura, hoje, ocupa um lugar na grade curricular que é de parcial desprestígio, isto é, o ensino de Língua Portuguesa ancora o texto literário à gramática, aos exercícios supérfluos, sem grandes possibilidades de interpretação, no ensino fundamental, e no ensino médio, é perceptível a instabilidade do ensino, tendo em vista que há a existência do currículo que privilegia o estudo de classes literárias e biografismo dos autores.

Neste sentido, deve-se analisar o percurso histórico do gênero textual, sobretudo, do infante/juvenil da literatura, pois, para que o ensino literário, posteriormente produza bons

frutos, seria necessária a inserção desse gênero no ensino fundamental, pois é considerado a base para os anos posteriores. E ainda, perceber as influências causadas por fatores sociais na constituição deste gênero. Pois, segundo Biasioli (2007, p. 97)

A importância destinada à literatura infanto-juvenil é algo relativamente recente. Somente no século XIX a escola começou a se organizar e o livro didático, agora mais aperfeiçoado, deu outra forma ao ensino, principalmente ao da leitura de literatura infantojuvenil. Até então, as crianças e os jovens não podiam se valer de uma literatura dedicada totalmente a eles, o que fazia com que lessem obras endereçadas aos adultos ou, na maioria das vezes, nada lessem.

Sendo assim, de início merece destaque nessa criação de uma literatura que visa atender ao público infantil, o Francês Charles Perrault (1628-1703), criador de uma literatura popular, neste caso, de cunho oral, destinada a adultos. Logicamente, as histórias conforme sua contação, foram adaptadas e tornaram-se os Clássicos infantis e contos de fadas, como por exemplo, Contos da mamãe gansa, Contos da Velha e Contos da Cegonha.

A Literatura Infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias, por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança. (CARVALHO, 1982, p. 77).

Torna-se perceptível, a importância de Perrault para o desenvolvimento de uma literatura da criança, mas vale salientar, que ele foi apenas o precursor deste fato. E, também merece destaque os conhecidos irmãos Grimm, que durante o século XIX, transformaram este gênero literário tornando-o um atrativo para as crianças, isto é, romantismo e singeleza tornaram-se traços de suas obras. E de acordo com Carvalho (1982, p.104) [...] “são os irmãos Grimm que, animados pelo espírito romântico, vão buscar as suas histórias, “vivas”, na pureza e na simplicidade das fontes folclóricas, e revalorizar os contos maravilhosos, com a mesma dimensão que alcançaram no século XVII”.

Contudo, sabe-se que estes são apenas três dos grandes escritores europeus que iniciaram esta empreitada de criar um gênero infantil, mas vale salientar que inicialmente sua produção literária estava destinada a um público adulto, sem pretensões a infantilização dos textos. Através desta falta de atenção, pode-se afirmar que a criança não despertava interesse significativo à construção de um gênero específico. E que, o contexto sócio-histórico do capitalismo, propiciou o desenvolvimento deste gênero.

O crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte[,] demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros. Essa situação relaciona-se aos fatores sociais: a consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país, o aumento da escolarização dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista. Há maior número de consumidores, acelerando a oferta; e há a resposta das novas editoras, motivando a revelação de novos nomes e títulos para esse público desinteressado. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1998, p. 47)

Esta situação de interesse econômico, também refletido na criação do gênero literário infante/juvenil no Brasil. Logicamente, falar de uma literatura destinada ao público infantil deve-se destacar o nome do autor brasileiro Monteiro Lobato, que é precursor deste gênero no Brasil. No entanto, o interesse não seria somente por despertar o hábito da leitura nos “pequenos”, vale salientar que o referido escritor era dono de editoras no país, logo, percebe-se o interesse capitalista envolto na literatura.

O panorama estabelecido entre Brasil e Europa, nesta breve descrição, apontam algumas falhas no que diz respeito à legitimação de um gênero literário destinado ao público infante/juvenil, tendo em vista que, a criação deste seguimento da literatura fora constituído de adaptações ou mero interesse econômico. Sendo assim, talvez os casos de desrespeito em sala de aula ao texto literário, seja reflexo desses fatores socioeconômicos que estiveram presentes na constituição do gênero.

3 OS (DES)USOS DO TEXTO LITERÁRIO INFANTE/JUVENIL

Desde os anos iniciais, alunos são fadados a aprenderem a ler com um processo de decodificação, repetição e transcrição; tornando a aprendizagem da leitura enfadonha. Este modo de aprender a ler, tenta prepará-los, para posteriormente, estarem aptos a interpretar. No entanto, a interpretação feita, deixa-os às margens do texto, impedindo o educando de mergulhar mais fundo, isto é, interpretar não passa de um ato vago, que o submete a meras perguntas de reconhecimento, não ultrapassando o entendimento.

E, é no decorrer de todo processo de escolarização, alfabetização, letramento, enfim, toda a construção do indivíduo enquanto ser leitor tem-se percebido que muitas são as abordagens e perspectivas construídas em torno desse processo, mas quais garantem bons frutos no desenvolvimento do educando que ler literatura? Sabe-se que a função da escola é de formar sujeitos capazes de ler e agir sobre o seu meio. No entanto, esses indivíduos poderiam ser caracterizados como meros receptáculos de conteúdos, estipulados por uma

grade curricular, pela qual, a fruição a que o texto literário submete o leitor é corrompida desde o início do processo de alfabetização. Tendo que ser retomado nos anos posteriores da sequência escolar.

Desse modo, torna-se perceptível que [...] “a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI”. (COSSON, 2006, p. 20). Isto é, a existência do texto literário na escola se mantém por força do currículo, ou pelo livro didático, neste caso dos anos iniciais (1º ao 5º anos).

Neste caso, o texto literário (também o infanto-juvenil) é considerado, unicamente, como parte do conteúdo curricular; um apêndice que é submetido a estudos da gramática, e utilizado em exercícios de interpretação, sem grandes perspectivas no desenvolvimento de sentidos. E ainda, é considerado desprestigiado, tendo em vista que surge no contexto escolar a partir do Ensino Médio. Ora, se considerar que o Ensino Fundamental é a base para os estudos posteriores, deveria ser embasado, também, com textos literários. Sendo esta a realidade: a literatura se concretiza nos livros didáticos, aparecendo em segundo plano, como exercícios especiais de leitura, ou extraclases.

Tal desprestígio, dentro do processo de ensino e suas abordagens, são reflexos de um ensino dos nossos antepassados, no qual o arcaísmo remanesce das bases da construção do ensino, também se refletem na própria literatura enquanto gênero infanto-juvenil. Tendo em vista que, este gênero tal qual como o conhecemos, hoje, não era considerado gênero, aliás, não existia gênero literário destinado a leitores infantis e jovens. Isso se deve ao fato de que “Não se via a infância como um período de formação do indivíduo, a criança era vista como um adulto em miniatura, uma etapa a ser rapidamente ultrapassada para que o indivíduo se tornasse um ser produtivo e contribuísse efetivamente um ser na e para a comunidade”. (GREGORIN FILHO, 2007, p. 2). Sendo assim, torna-se evidente o desprestígio contido nestas etapas do indivíduo: infância e juventude. Por conseguinte, a infância e posteriormente a fase juvenil, devem ser consideradas tão importantes quanto à fase adulta, visto que são partes do processo de formação e construção de sua identidade.

Logo, o contato inicial com o universo literário corroboraria a formação do indivíduo. Além disso, outro fator que é refletido no processo de formação leitora era sua posição social, pois, o acesso a literatura era dado unicamente as classes majoritárias. Sendo assim, ser criança e pertencente às minorias sociais significava não ter acesso à leitura literária.

A chamada literatura infantil [e juvenil], já que os textos se mostravam muito mais próximas de textos de prática pedagógica do que literários propriamente ditos; o caráter lúdico, tão importante para o desenvolvimento da criança, não estava presente. Assim, oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira até drástica em função da classe social. (GREGORIN FILHO, 2007, p.2).

Por conseguinte, diante dessa asserção, pode-se afirmar que toda a construção do gênero infanto-juvenil assimilou o seu contexto de produção, e inicialmente, desvinculada desse universo, surgindo a partir da necessidade do mercado, isto é, pensou-se na criança e adolescente como fornecedores de capital, frequentadores de escola, uma perspectiva pedagógica, se embutido nas obras o pedagogismo. Sendo assim, a construção de valor que uma obra literária proporciona estaria enfraquecida, isto é, se os valores são construídos particularmente por cada indivíduo, então não haveria a necessidade de impregnar uma obra com falso moralismo ou ainda submetê-la a jogos gramaticais.

Diante disso, torna-se perceptível que o ensino literário segue uma tradição, que desprestigia o valor da literatura, isto é, o pedagogismo exarcebado a que é submetido o gênero infanto-juvenil da literatura, o torna desinteressante, assemelhando-se a um martírio, em que o leitor o tem unicamente como parâmetro para sua formação; modelo de como se lê e se escreve bem; esvaziando sua essência que é de caráter humanizador. Logo, [...] “estamos diante da falência do ensino de literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de reconstruir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. (COSSON, 2006, p. 25).

Sendo assim, para evitar a perda do caráter humanizador do texto literário a que se refere Cosson (2006), torna-se necessário reformular as diretrizes que embasam o ensino literário. Uma abordagem voltada ao letramento literário seria necessária para se construir e resgatar o leitor, ou seja, desenvolver novas estratégias que proporcionem ao leitor maior interação com o texto, permitindo a fruição do sentido.

De facto, ter em conta este projecto significará: ajudar os alunos a gerar e envolver perspectivas interculturais, contrastivas e históricas sobre os novos tempos, culturas, lugares do passado, presente e futuro; ajudá-los a envolver-se com outras culturas e corpos através do tempo e do espaço; ajudá-los a problematizar as culturas e o conhecimento dos textos sujeitando-se a um debate crítico, a julgamento; a criar condições que permitam a compreensão de como e em cujos interesses as instituições sociais e os textos refractam e torcem a realidade social e natural, manipulam e posicionam leitores e escritores. (LUKE *et al*, 2001, p. 114 *apud* DIONÍSIO, 2008, p. 81).

Logo, torna-se perceptível que o letramento literário deveria ser uma constante no desenvolvimento do leitor, tendo em vista que letrar é garantir o seu amadurecimento, isto é, torná-lo crítico. Sendo assim, buscando conhecer este processo, no qual o leitor é (re)criado, a presente pesquisa se construirá, visando também, discutir as abordagens pedagógicas à que é submetida a literatura infanto-juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou refletir sobre os (des) usos do texto literário em sala de aula, especificamente aqueles que compõem o gênero infanto/juvenil, que atualmente é visto como desprestigiado, pois é submetido ao livro didático, que outrora ancora suas concepções teóricas de gramática, especificamente, nas estruturas do texto literário. Limitando o entendimento do leitor as superfícies do texto. Neste sentido, a leitura do texto literário, está cristalizado nas bases das classes gramaticais, as quais, particularizam o sentido em palavras individualmente.

Sendo assim, percebemos que o gênero infanto/juvenil possui essa carga de desprestígio, talvez, por fatores que influenciaram a constituições deste tipo de gênero, ou seja, a literatura infantil estava limitada a construção do imaginário adulto, e ainda, a necessidade de crescimento econômico, possibilitou o impulsionamento, para o desenvolvimento de obras ao público menor: crianças e jovens.

Além disso, outra causa que falece o ensino de literatura nos anos iniciais, pode-se dizer que os juízos de valor que impregnam a obra, isto é, exige-se que o texto literário expresse um ensinamento, uma moral, subjulgando o sentido natural que cada leitor poderá atribuir ao texto, elaborando sua própria moral. Visto que, a literatura é de caráter humanizador.

Portanto, espera-se que o presente trabalho contribua para fazer-se algumas reflexões acerca das obras literárias, ou do texto literário do gênero infanto/juvenil, tendo em vista que este pode ser utilizado nos anos iniciais, numa perspectiva de letramento literário, isto é, iniciar os pequenos neste universo humanizador que é a literatura, garantido assim, maiores perspectivas, nas abordagens feitas nas obras literárias no ensino médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASIOLI, Bruna Longo. **As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente.** Terra Roxa, revista de estudos literários. Volume 9 (2007) – 1-124. ISSN 1678-2054. Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos. **Literatura Infantil: Visão histórica e crítica.** 2ª Ed. São Paulo, Ática, 1982.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Literatura, leitura e escola: uma hipótese de trabalho para a construção do leitor. In: VERSIANI, Zélia (org.). **Leituras literárias: discursos transitivos.** Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil/juvenil: sociedade e ensino.** 16º cole – Congresso de leitura no Brasil. Campinas: Unicamp, 2007.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.